

MISTIFICAÇÕES BIOGRÁFICAS EM LITERATURA

João Soares Lobo

Professor da Cultura Italiana da U.F.C., Professor
da Faculdade de Filosofia da UECE. Da Academia
Cearense da Língua Portuguesa.

Parte 2 — Antero de Quental, Suicida Amoroso?...

A mim seduz-me a paz santa e inefável
e o silêncio sem par do Inalterável,
que envolve o eterno amor no eterno luto.
Talvez seja pecado procurar-te,
mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-Ser, que és o Ser único absoluto. ⁵

Na noite de 11 de setembro de 1891, com dois tiros de revólver na boca, pôs dramático fim à própria vida um dos maiores poetas de língua portuguesa, o açoriano Antero Tarquínio de Quental.

“Um gênio que era um santo” — canonizou-o Eça de Queirós, seu contemporâneo e amigo dos mais fiéis, lapidar, mas, quem sabe, hereticamente.

Tanto se tem insistido nessa santidade laica de Antero, que até podemos temer um mal-entendido.

Tudo se pode dizer, sem exagero, de um homem...
que se projetou em sonhos e idéias fora do comum...
usou em todos os sentidos a liberdade dos santos e
dos loucos. A liberdade dos santos durante a vida;
a liberdade dos loucos no momento da sua morte. 4

E desde a borda do túmulo até hoje, quantos não se
terão interrogado: — por que razão se suicidaria um gênio
de tão grande valor humano, de tão profunda inspiração mística,
a ponto de parecer um grão-sacerdote daquela “deusa
de alma vasta e sossegada” que nos impõe respeito e veneração?

A causa mais comumente apontada é mesmo a sua loucura.
Não nos parece uma análise, mas uma simplificação muito cômoda e fácil:
o simples fato de Antero apresentar um caráter fora do comum,
o exotismo, as idiosincrasias justificariam o momento de paroxismo
da tensão nervosa até o ato violento sempre chocante, se provocado
por vontade própria; mas, se bem pensarmos, afinal, a morte, para
Antero, é amiga íntima, por ele sempre invocada quase como
uma amante. Poder-se-ia, quem sabe, ver aí mais um índice
da inadaptação do poeta à vida.

O principal biógrafo de Antero até hoje, o estudioso José
Bruno Carreiro, autor de dois alentados volumes que intitulou de
“Subsídios para a sua biografia”, analisa com minúcias a endogamia
predominante no arquipélago dos Açores entre as principais famílias,
e, para provar que a árvore familiar de Antero fora atingida pelo
germe da neuropatia congênita, sobram argumentos desde a declarada
esquizofrenia do irmão mais velho, várias vezes internado em hospitais
para tratamento de nervos, até as aventuras do tio também poeta
que destruiu todos os seus poemas antes de morrer. O próprio Antero
não dissimularia sua neurose, quando espontaneamente procurou a maior
autoridade em psiquiatria no seu tempo, o suíço Jean Martin Charcot,
mestre de Freud:

“vous avez une maladie de femme, transportée dans un corps d’homme: c’ est l’hystérisme”¹

seria o diagnóstico. Essa constatação data de 1875, dezesseis anos antes do suicídio. Da mesma doença, em sua espantosa lucidez, queixava-se Fernando Pessoa, que, de certo modo, poderia ser também acusado de suicídio lento, aos 47 anos, através da cirrose hepática provocada pela bebida. Acreditamos que se deva achar uma causa mais imediata, pois com a histero-neurastenia Antero, como Pessoa, conseguiu conviver durante muito tempo.

Outra explicação muito difundida entre os anteristas é a de cunho religioso, que atribui o suicídio de Antero ao trauma psíquico resultante do choque entre a religiosidade acendrada inculcada no filho pela mãe e o ambiente ateizante de Coimbra. Para provar essa tese, o padre Agostinho Veloso, S.J., escreveu o livro *Antero e seus Fantasmas*. Gastão Pereira da Silva, no simplismo do seu *Doentes Célebres*, Edições de Ouro, une as duas teses, esta como causa, a outra como consequência, resultando o suicídio como síntese.

... a verdade total e salvadora situa-se, efetivamente, no sobrenaturalismo cristão e católico, cujo abandono, depois de ter inibido Antero, em face da insolente rebelião de seus fantasmas, o precipitou na dúvida, na incerteza, na inquietação — e, finalmente, na Morte.⁸

A argumentação do Pe. Veloso, observada com a imparcialidade que se requer em tais casos, poderia ser invertida e tomada pelo oposto, atribuindo-se à religião, à sua disciplina, à sua moral rigorosa, aos complexos de pecado e castigo eterno, a inquietação e posterior suicídio do poeta. O próprio Bruno Carreiro apresenta como exageradas e obsessivas as tendências religiosas de Dona Guilhermina, mãe de Antero. Diz mais o teólogo em seu ensaio literário-religioso-filosófico:

... Antero pretendeu o triunfo, atido apenas à vontade solitária e altiva... e baqueou. Matou-o o orgulho da solidão.⁸

A afirmativa não deixa de ter um tom de acusação inquisitorial, mais do que de caridade cristã diante do poeta suicida. Mas seria mesmo orgulho, ou predestinação desse filho do arquipélago, que trazia no coração as angústias do oceano? Não seria a solidão desse "homem-ilha",⁷ como lhe chamou Rui Galvão de Carvalho, apenas fruto da sua missão poética, segundo sua própria sugestão?

Recebi o batismo dos poetas
E assentado entre as formas incompletas
Para sempre fiquei pálido e triste.⁵
(Soneto "Tormento do Ideal").

Creemos que a solidão anterioriana exige uma contemplação mais refletida como condensação dessa angústia de todos nós, catalisada em cada "emissário de um rei desconhecido" a cumprir "informes instruções de além" como se autodefine Pessoa, em sua missão poética.

A cura para essa terrível ânsia buscou-a Antero na Filosofia e terminou por rasgar o seu tratado; procurou-a também no ideal socialista pelo qual bravamente lutou como ardoroso soldado e se desencantou. (Ver *Antero de Quental* de Luís Washington Vita, Dep. de Imprensa Nacional, Rio, 1961). Na poesia, "essa língua materna da humanidade",³ segundo Haman, veiculou a angústia solitária da sua alma enorme, a qual, no dizer de Oliveira Martins, "daria alma para uma família inteira de poetas."

A faceta mais aguda nessa solidão de Antero é sem dúvida amorosa. Aí ousamos apontar a mais plausível causa imediata do seu suicídio. Em questões de amor, Antero sempre "pudico como um elefante",² no dizer do seu amigo Faria e Maia, foi um perene adolescente. Daria uma boa tese psiquiátrica a sua rejeição à figura do pai, já comparada à de Kafka,

este, pelo que disse; Antero, pelo que silenciou. Os fracassos amorosos de Antero foram todos realmente dramáticos, antecidos sempre de uma fase eufórica, vigorosa, seguidos de tentações de suicídio.

Depõe Oliveira Martins, o mais íntimo amigo e confidente, em carta a Eça de Queirós, — tentando explicar as circunstâncias da morte do amigo comum:

... era uma tentação antiga: duas vezes o desarmeí, e uma no instante em que se ia matar... E então havia um motivo-mulher. 1

Esse "motivo-mulher" fora uma baronesa que Antero conhecera em Bellevue, na Suíça, durante o tratamento, e queria desposar, mas a mulher era casada e ele viu frustrado o seu intento, daí o descontrole, nessa oportunidade contornado pela presença do amigo, que diz noutra carta:

... mais que tudo foram os seus amores que lhe arrastaram a vida, cortada de paixões várias, para a sombra tépida do tédio e daí para a solução frígida do nada. 1

No ano de 1877, Antero resolve adotar duas meninas, órfãs de pai, filhas de Germano Meireles, amigo e irmão de ideal socialista.

O soneto "Solemnia Verba" da fase final do seu ciclo poético (1880-1884), quando já privava do convívio das pequenas, alude a um grande amor tranqüilo que lhe revigora o coração atormentado e já descrente:

Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...
Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera,

Semeador de sombras e quebrantos!
Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,
Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor. 5

Todos são unânimes em atestar o fascínio que Antero exerceu sempre sobre todos quantos privaram do seu convívio. Descrevem-no fisicamente como um nórdico de olhos claros e barba ruiva que lhe davam ares de profeta e sábio. As meninas, por sua vez, a esta altura, em plena adolescência (14 e 16 anos, respectivamente), carentes de afeto e educadas internas em colégio de freiras, devotavam-lhe um carinho todo especial, cheio de afetos e afagos filiais, ou talvez mais que isso... Ele um ultra-sensitivo também, solitário e pleno de extremosa dedicação. Não queremos levantar dúvidas ou suspeitas sobre esse relacionamento cheio de pureza que devia haver entre o poeta e suas filhas adotivas. Mas queremos deixar claras as conclusões a que os fatos nos podem levar.

Pouco tempo antes do trágico desfecho, trouxera Antero para a sua companhia uma irmã viúva, D. Ana, para ajudá-lo na assistência às duas meninas. Parece-nos aí clara a intenção franca de Antero em manter o *status* paternal de relacionamento com as pupilas.

Acontece que logo se desentenderam ele e D. Ana de Quental. Esses desentendimentos se tornaram freqüentes e acirrados e são geralmente atribuídos apenas ao caráter forte e refratário que dizem ter marcado a viúva, que teria implicado especialmente com uma das pupilas e exigido um tratamento mais distanciado e ríspido para com ele. Nada temos a argumentar em favor da mansidão de caráter de Dona Ana, mas podemos levantar a hipótese do zelo de irmã e intuição feminina para perceber o drama em que, sem o sentir, estaria envolvido o irmão com a menina. E essa nos parece mais viável do que a simples indicação de que D. Ana implicava gratuita-

mente com as filhas adotivas do irmão, “especialmente com uma delas”.

Horas antes do suicídio, tivera com a irmã uma última e violenta altercação ainda por causa de uma das meninas e depois de ter girado em redor da casa onde elas se encontravam,

... pasmadamente, como um enamorado... foi lançar um olhar derradeiro àquela fachada, àquelas janelas, adivinhando dentro os movimentos das suas filhas adotivas, ignorantes do que de dramático se passava no silêncio da sua rua, depois seguiu a completar o giro que terminou na eternidade, sob a palavra Esperança.

Esse depoimento publicado na revista *Ocidente*, n.º 394, fev. 1971 é de autoria de F. A. D'Oliveira Martins, sobrinho do grande historiador e polígrafo, que fora o principal confidente do poeta, aquele amigo, cujo instinto de guardião do templo das tradições humanas fez lançar o brado: “salvem a correspondência de Antero, nela ele está por inteiro”... para depois, numa atitude contraditória e quase incompreensível num historiador, escrever ao organizador do “In Memoriam” de Antero:

... da multidão das suas cartas destaquei essas dez por me parecerem expressivas do caráter, dentro dos limites impostos pelo respeito à publicidade. Outras me ficam muito mais íntimas que o público nunca verá. A número dez, é a última que tive dele, escrita semanas antes do suicídio. Risquei alguns períodos particulares... 6

Estranho modo esse de um historiador respeitar o público e a posteridade. Subverte-se o velho dizer latino: “amicus Plato, sed magis amica veritas”. Se ao amigo particular se perdoa o que se não perdoa ao historiador “que mais que todos sabia e mais que todos calou” a respeito dos amores de An-

tero, seja-nos perdoada também a ousadia de achar que naqueles períodos riscados da carta do poeta e naquelas cartas que para sempre talvez nos foram sonegadas estaria a revelação clara do que aqui comunicamos: cremos sinceramente que Antero se suicidou por ver impossível a realização do seu amor passional pela filha adotiva, ainda que isso pareça descanonizá-lo e nivelá-lo, cremos, sem nenhum desdouro, ao comum dos mortais.

Diziam os latinos, em sua crença na sacralidade da palavra: "nomina sunt omina" (os nomes são penhores). Pois bem, diante de tal destino, poder-se-ia tecer talvez o mito do nome Antero, (que significa "anti-amor"), na mitologia grega, força tão poderosa quanto Eros, o amor. Essa força desagregadora — devia zelar pela repulsa universal dos seres dissemelhantes, a qual impediria a natureza de voltar ao caos primitivo. Assim esse imenso poeta-filósofo, místico e visionário parece ter trazido, sob o selo do nome sonoro, o signo terrível e contraditório da realização da morte em lugar do amor. Resta-nos compassivamente esperar que o tenha achado afinal, "na mão de Deus, na sua mão direita".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARREIRO, José Bruno — *Antero de Quental, subsídios para sua biografia*. Ponta Delgada, sed., s.d. 2 v.
2. CARVALHO, Rui Galvão de — *Cartas de Antero de Quental a F. N. de Faria e Maia*. Lisboa, Delfos, 1961.
3. CASSIRER, Ernst — *Linguagem e mito*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
4. LINS, Álvaro — *O relógio e o quadrante*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
5. QUENTAL, Antero de — *Sonetos completos e poemas escolhidos*. Seleção rev. e pref. de M. Bandeira. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1942.
6. REVISTA OCIDENTE (395): 37, mar., 1971 (Nova série).
7. REVISTA PANORAMA (9), 1954 (2.^a série).
8. VELOSO, Agostinho, Pe. — *Antero e seus fantasmas*. Porto, Tavares Martins, 1950.